

Gênero diário pessoal: uma análise sob a perspectiva do autor

Jocelma Boto Silva¹

RESUMO

Os diários pessoais são produzidos há muitos séculos, no entanto, ainda se sabe muito pouco sobre eles. Esse fato pode ser explicado devido ao caráter sigiloso, específico do gênero, que direciona a maioria dos diários ao anonimato e, posteriormente, ao esquecimento ou à destruição. Nesta investigação, quebramos um pouco esse percurso, pois lemos e valorizamos dois diários inéditos escritos por pessoas comuns. Por meio deles, investigamos algumas especificidades da prática, como as motivações para seu início e a opção pelos elementos linguísticos durante sua configuração. Para tanto, dividimos nossas investigações em duas etapas: na primeira, separamos as entradas que evidenciam o estilo do diário; na segunda, realizamos uma entrevista gravada em áudio com as autoras desses diários, em que questionamos alguns elementos relacionados à prática. Como aporte teórico, partimos do conceito de gênero do discurso apresentado em Bakhtin (1997) e dos estudos sobre diários realizados por Lejeune (2014, 2015), entre outros pesquisadores que contemplam a prática. Nossas investigações apontaram que esses diários possuem uma temática específica relacionada ao início, à manutenção e à finalização do gênero. Essa temática direciona a seleção dos fatos registrados e pode ser evidenciada, ainda, a partir da verificação de alguns recursos estilísticos durante a produção.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Florianópolis/SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4342-1801>. E-mail: jocelmaboto@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Diário pessoal; Gênero discursivo.

ABSTRACT

Personal diaries have been produced for many centuries, however, we still know very little about them. This fact can be explained due to the confidential aspect, specific to the genre, that directs most diaries to anonymity and, later, to forgetfulness or the undoing. In this investigation, we have somewhat broken this route because we have read and valued two unpublished diaries written by common people. Through them, we investigate some specificities of this practice, such as the motivations to its beginning and the choice of linguistic elements during its configuration. To this end, we divided our investigation in two parts: first, we separated the entries which evidence the diary genre. Then we did an interview, recorded in áudio, with the authors, in which we questioned some elements of this practice. As a theoretical contribution, we start from the discourse genres concept in Bakhtin (1997), and the studies carried out by Lejeune (2014, 2015), among other researchers who contemplate this practice. Our investigations showed these diaries have a specific theme that is related with the beginning, the maintenance and the finalization of the genre. This theme directs to a selection of registered facts and can still be evidenced from some stylistic resources during the production.

KEYWORDS: Autobiography; Personal diary; Discursive genre.

INTRODUÇÃO

Escrever diários é uma prática muito antiga cuja origem não se conhece precisamente. No entanto, os estudos de Bogaert e Lejeune (2006) e Lejeune (2015) indicam que sua emergência está fortemente relacionada aos livros de contas, decorrentes de necessidades comerciais e administrativas, utilizados no Egito antigo. A partir daqueles modelos, os indivíduos começaram a criar seus diários financeiros cada vez mais particulares, fator que favoreceu a origem dos diários de família e dos diários de crônicas. Ressalta-se que entre as primeiras ocorrências, até o século XVI, a essência dos diários era coletiva e dizia respeito à vida de um pequeno grupo.

Esse cenário começou a ser modificado apenas a partir da segunda metade do século XVIII, quando foram estabelecidos os limites entre público e privado. Com tal definição, as escritas de si passaram a assumir características particulares e individuais. Nesse percurso, com as mais diversas adjetivações (espiritual, educacional, viagem etc.), os diários se tornaram cada vez mais pessoais e cada vez mais secretos. Tão secretos que o início e a manutenção da prática assumiam um caráter essencialmente sigiloso.

Por outro lado, também no decorrer desses séculos, muitos diários foram lidos e publicados. As publicações obtiveram êxito principalmente no século passado, em que houve o despertar de uma grande massa de leitores para conhecer o secreto (MACIEL, 2004). O Diário de Anne Frank, publicado em 1958, é um bom exemplo. O cotidiano de uma jovem judia fugitiva do domínio nazista destacou-se como pauta para o leitor. O mesmo aconteceu com o Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, que reconta as vivências de uma das primeiras escritoras negras do Brasil.

Diários como esses representam grande valorização da prática e são produto de análises teóricas a partir de diversas perspectivas. No entanto, observamos que ainda há carência de investigações científicas que abrangem os diários pessoais inéditos, aqueles que são escritos, esquecidos ou até destruídos por seus autores. Consequentemente, na academia, há pouca discussão sobre os diários escritos por pessoas comuns e há pouca valorização desses sujeitos enquanto autores.

Com vistas a contribuir com o debate, a proposta deste trabalho contempla uma abordagem sobre a prática diarística de indivíduos desconhecidos pelo cânone literário ao mesmo tempo em que compreende as alusões desses autores sobre seus diários. Metodologicamente, buscamos analisar alguns excertos dos diários e correlacioná-los com as concepções que os autores têm sobre seus escritos. Dessa maneira, visamos valorizar a prática diarística enquanto destacamos a relação desses indivíduos com a linguagem.

A partir de tais finalidades, o trabalho está organizado de modo a contemplar, inicialmente, uma breve discussão acerca do conceito de gênero do discurso. Em seguida, propomos uma abordagem de alguns elementos do diário pessoal enquanto uma prática de vida e enquanto gênero discursivo. Por fim, partimos para a análise do corpus e para as considerações finais.

1. O GÊNERO DIÁRIO PESSOAL

1.10 CONCEITO DE GÊNERO

Os estudos do Círculo de Bakhtin compreendem a língua como um fenômeno social e vivo, cuja realidade fundamental é a interação verbal. De acordo com esse princípio, as investigações linguísticas devem ser conduzidas a partir das condições reais de instauração da língua. Nesse tipo de abordagem, a língua passa a ser estudada através de três pilares:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (VOLOCHÍNOV, 2006, p.127).

Nessa perspectiva, abarcam-se, entre outros pontos, as relações protagonizadas pelos interlocutores, os aspectos ideológicos e dialógicos do discurso e as formas de materialização enunciativa, como parte da comunicação verbal. No caso desta análise, o foco é estudar aspectos característicos das formas enunciativas.

Para Bakhtin (1997), os estudos das formas enunciativas devem abarcar a observação linguística sobre o enunciado e seus tipos, uma vez que eles são ricos e individuais. Para o filósofo russo, os enunciados são formas individuais de materialização da língua e refletem as condições específicas do campo da atividade humana a que se relacionam. Essa relação define os tipos relativamente estáveis de enunciados em cada esfera, ou seja, os gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997).

Os diários pessoais são gêneros relacionados à esfera autobiográfica. A esfera autobiográfica é caracterizada pelas narrativas retrospectivas que os sujeitos fazem de sua própria existência (LEJEUNE, 2014). Portanto, a autobiografia, enquanto campo da atividade humana, elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado a partir de condições específicas da comunicação discursiva.

À luz da teoria bakhtiniana, os gêneros discursivos são compostos por três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, que definem a caracterização dos enunciados e os diferencia dos demais, de

maneira que as especificidades desses elementos no gênero em foco permitem diferenciá-lo de outros gêneros, como as memórias e as confissões, também relacionados à esfera autobiográfica.

Pode-se compreender que a delimitação do conteúdo temático implica na seleção do gênero e aglomera as peculiaridades do sujeito: a vontade, a singularidade e a intenção discursiva do falante. Desse modo, o conteúdo temático rege o assunto ao mesmo tempo em que atribui coerência ao discurso. Em relação ao diário pessoal, o conteúdo temático seriam os fatos da vida do autor selecionados por ele para compor sua narrativa.

A estrutura composicional relaciona-se ao aspecto formal – linguístico, textual e discursivo – que o gênero assume na esfera de atividade humana. No caso do diário pessoal, o vocativo “querido diário” representa um aspecto da organização estrutural formal do gênero.

O estilo pode ser verificado a partir de dois horizontes: o estilo de linguagem, determinado de acordo com os aspectos linguísticos e funcionais das esferas a que os gêneros se relacionam, ou o estilo individual, voltado à individualidade linguística do falante. O estilo de linguagem é determinado pelas condições mais específicas de cada campo. Este fator atribui características mais padronizadas aos gêneros. Nesses casos,

o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento (BAKHTIN, 1997, p.266).

Por outro lado, há gêneros mais propícios às manifestações estilísticas individuais. O diário pessoal apresenta-se como um bom exemplo. Por posicionar-se entre os gêneros literários, o diário está mais propenso às manifestações individuais de linguagem. Nesses casos, para Bakhtin (1997, p. 266), “o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um de seus objetivos principais”.

É necessário enfatizar que a concepção de estilo de Bakhtin não se restringe nem à análise das formas linguísticas em si, nem ao caráter psicológico do autor. Sua concepção é mais ampla, na medida em que todo e

qualquer gênero do discurso constitui um estilo próprio de enunciação. Essa concepção não exclui a possibilidade do estilo individual. Ele acontece, mas há tipos genéricos que melhor propiciam sua emergência e desenvolvimento. Logo, esse estilo não é totalmente individual, uma vez que a linguagem é inerentemente dialógica.

1.2 A PRODUÇÃO DE DIÁRIO PESSOAL

A produção de diários é em si mesma uma prática muito simples que pode ser iniciada por qualquer indivíduo, sem a necessidade de nenhum aviso e livre de qualquer tipo de avaliação. Além disso, não há requisitos básicos, de modo que toda pessoa pode criar seu próprio percurso nesta produção. Para Lejeune (2015), tais fatores caracterizam a escrita de diários como uma prática de vida, de maneira que se deve entender o gênero diário, antes, por suas funções e finalidades e, somente em um segundo momento, a partir de suas características estruturais.

A concepção do diário como uma prática de vida implica considerá-lo a partir de diferentes situações que proporcionam o início, a manutenção e o encerramento da escrita – uma viagem, uma gestação, por exemplo. Compreende, ainda, a percepção sobre as diversas funções que a prática assume para o diarista.

De acordo com Lejeune (2014), a prática de diários está relacionada a oito propósitos. O primeiro diz respeito à conservação da memória. Nesse caso, os fatos selecionados pelo autor para registrar seus dias funcionam como “um rastro”, como um “disco rígido” ou uma espécie de “memória viva” de fatos da vida. O segundo motivo está atrelado à necessidade de sobrevivência e costuma estar relacionado com os escritores que compreendem o diário como “como um seguro de vida que se alimenta tostão por tostão, dia após dia, com depósitos regulares” (LEJEUNE, 2014, p. 303). Em terceiro lugar, há as escritas que são conduzidas com o intuito de desabafar aspectos específicos vivenciados ou os sentimentos que estas vivências despertaram. Esses escritores buscam uma espécie de escape momentâneo da pressão social.

A quarta motivação está direcionada aos indivíduos que visam se (re)conhecer e tomam o diário como um “espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção” (LEJEUNE, 2014, p.304). O quinto ponto é de cunho motivacional e abrange aqueles sujeitos que escrevem para deliberar ou que entendem o diário como um “instrumento de ação”. O sexto lugar diz respeito àquelas produções voltadas à resistência e sobrevivência em determinadas situações como cárcere, por exemplo, e

englobam textos de sujeitos que veem o diário como forma de manutenção de “coragem e apoio” diante das dificuldades vivenciadas. O penúltimo lugar é destinado aos diários cujo objetivo é apenas a reflexão e o oitavo, às produções dos indivíduos que escrevem motivados exclusivamente pelo prazer de escrever.

Como vimos, as diferentes motivações são fatores importantes que implicam nas concepções relacionados à prática diarística e podem determinar o início e a durabilidade da escrita. Por outro lado, a abordagem do diário em termos de gênero discursivo possibilita analisá-lo de acordo com alguns elementos.

O primeiro aspecto recai sobre a nomeação do gênero. Para Lejeune (2015), o diário deve ser compreendido a partir de sua característica “pessoal” e deve ser nomeado como diário pessoal. Para o pesquisador, essa caracterização é ampla e aberta e favorece a oposição dos diários de conteúdo pessoal aos diários de uso profissional e coletivo.

O segundo ponto compreende a definição do gênero. Lejeune (2014, p. 300) conceitua o diário pessoal como “uma escrita cotidiana, uma série de vestígios datados”. A conceituação parte do desdobramento de duas questões. A primeira corresponde à datação. De acordo com o pesquisador, a base do diário é a datação e, por isso, ela deve ser indicada em todas as entradas, de maneira que a ausência desse elemento pode promover a realização de outro gênero da esfera autobiográfica. Os modos de datação, no entanto, são livres.

A segunda questão refere-se à noção de vestígio. O conceito é abordado a partir de sua definição ampla que o compreende como rastros e sinais. Lejeune (2014) enfatiza que uma das grandes peculiaridades do gênero está atrelada aos vestígios e aos indícios das vivências de uma personalidade que são oferecidos pelo diário. Nele, nem tudo está escrito: há lacunas e omissões.

À luz dos pressupostos de Lejeune, a datação e os vestígios são aspectos fundamentais para a configuração do gênero diário pessoal. O formato, a periodicidade, a disposição textual e os meios em que os diários são produzidos são aspectos completamente livres e individuais. Analisaremos esses elementos no tópico seguinte a partir das produções diarísticas selecionadas.

2. ASPECTOS ESTILÍSTICOS NO DIÁRIO PESSOAL

As análises serão realizadas em dois diários, escritos por duas autoras diferentes. A primeira, referenciada como K e, a segunda, como C. De

acordo com a proposta de Lejeune (2014), primeiramente, analisaremos as motivações que regem a prática de diários segundo suas autoras.

A primeira produção é parte dos escritos de K, uma jovem que recorre à prática de diários desde a infância. Nesse percurso, parte de sua produção obteve o final tão comum entre muitos diários e foi destruída por ela mesma. Em entrevista, a autora relata as razões que conduziram seus escritos a este fim: “quando eu era pequenininha eu escrevia os podres, mas não era pra ninguém saber, morria de vergonha de alguém pegar, então eu queimava mesmo. Escrevia por prazer e queimava pra ninguém ver, nem pegar aquilo” (K, 2015).

De acordo com Lejeune (2014), são várias as motivações para se destruir um diário, mas no caso de K o principal incentivo foi o receio da violação, ou seja, o medo do encontro do texto com um leitor indesejado. A decisão de guardar os cadernos acontece somente na adolescência, quando a autora tinha entre 17 e 18 anos e não se importava mais em esconder a prática.

A segunda produção é o diário de C. Essa autora iniciou a prática durante um processo de separação conjugal. Após a resolução do processo, a produção foi encerrada. Quando comentamos o fato, C apontou as razões para o fim da escrita desse diário: “Eu melhorei muito depois que eu me separei, eu realmente posso escrever novamente, mas digamos que hoje eu não tenho mais essa aflição toda. Eu acho que tenho muito o que fazer, sei lá, mais alguma coisa, coisas mais interessantes. Eu creio que o que mais me deixava aflita e eu precisava desabafar mesmo é quando eu era casada” (C, 2015). A escrita de C exemplifica os chamados diários com um fim programado em que “a limitação desses cadernos é ao mesmo tempo cronológica e temática: são diários parciais, dedicados a um período, e centrados em uma zona de experiência particular” (LEJEUNE, 2014, p.313).

2.1 DIÁRIO DE K

A produção de K é marcada por um estilo particular. O primeiro aspecto diz respeito à nomeação do diário.

Figura 1: Nomeação do diário de K.



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A figura 1 corresponde à primeira página do diário. Nela, pode-se observar o subtítulo “Diário de uma paixão” escolhido pela autora. De modo geral, a indicação do título nos diários atua como um direcionamento ao interlocutor.

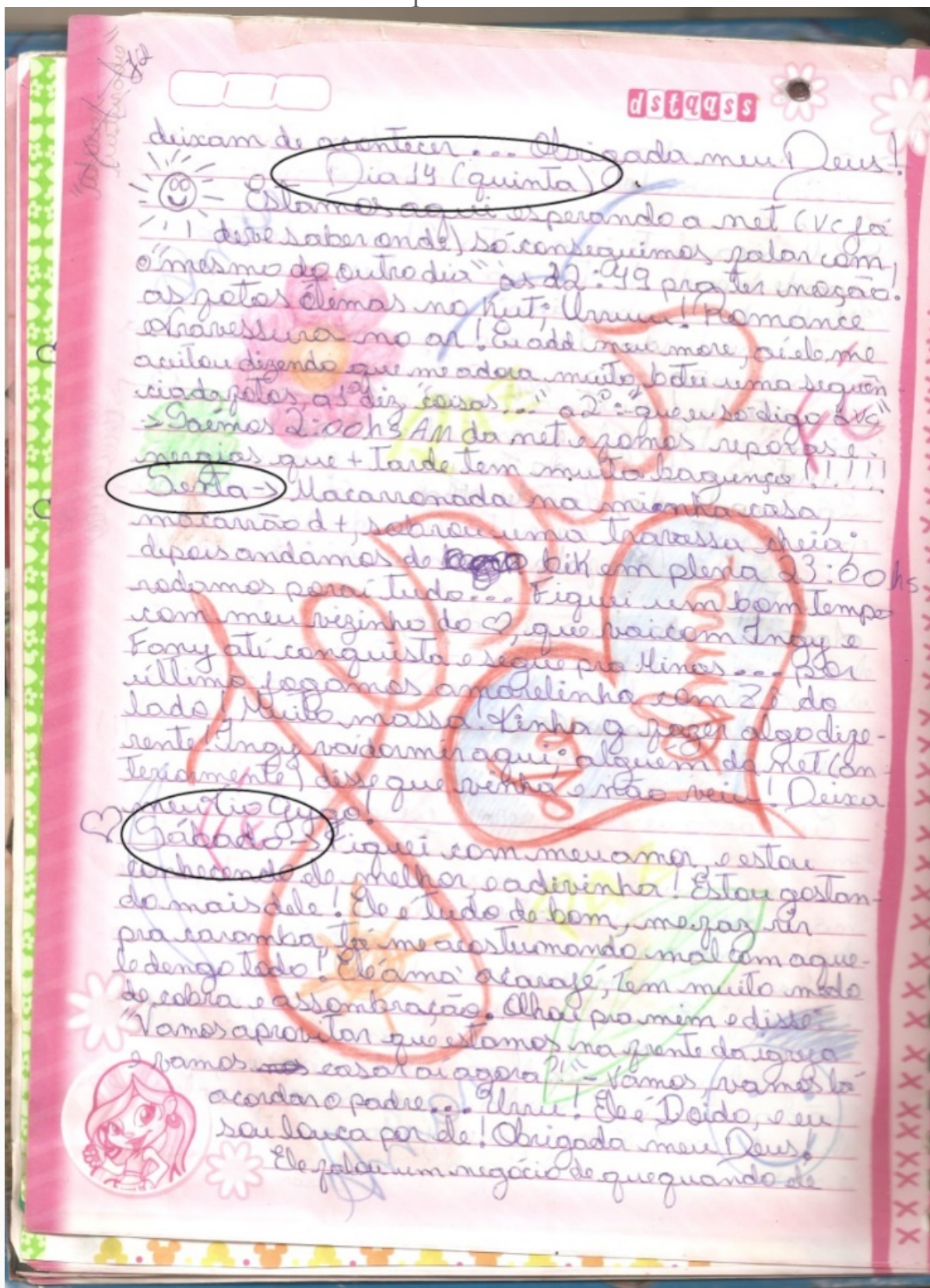
Quando isso não está evidente, o leitor está imerso em um problema inicial: “decifrar o código ou o contexto temático ao qual o diário se articula” (LEJEUNE, 1997, p.103).

Nesse caso, a própria autora oferece o contexto temático e é fiel durante a escrita, uma vez que todas as entradas desse volume se dão em torno dos acontecimentos que ela e o namorado viveram e não contemplam muitas narrações sobre outras questões do dia a dia. Ao ser indagada sobre o fato, a autora diz: “às vezes eu percebo que falei demais da outra pessoa e não falei nada da família, aí eu reservo umas linhas e falo: ‘meu pai tá bem, minha mãe tá assim, minha irmã foi pra São Paulo e meu irmão repetiu o ano’. Só pra não dizer que eu não esqueci do resto. Mas é porque minha cabeça sempre encheu muito com essa parte de namorar, então eu descarregava mais essa parte no diário” (K, 2015). A argumentação de K converge com as pesquisas de Lejeune (2014) que apontam que “a maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só fio de uma existência” (LEJEUNE, 2014, p. 297).

Outro aspecto chama a atenção quanto ao título do diário: há uma proposta interdiscursiva com o livro *The Notebook*, de 1996, escrito por Nicholas Sparks, no Brasil, traduzido como *Diário de uma Paixão*, e com o filme de mesmo nome dirigido por Nick Cassavetes e lançado em 2004. Ao questionarmos a intertextualidade, a autora aponta o conhecimento do filme, mas ressalta que não há relação entre o enredo da dramaturgia e os fatos recontados em seu próprio diário. Para ela, a escolha do nome está relacionada à necessidade que tinha em registrar os fatos do namoro que vivia: “porque eu era muito romântica e queria registrar tudo que acontecesse” (K, 2015).

Além da enunciação temática, a configuração da escrita evoca um estilo singular, não tão padronizado, como diria Bakhtin (1997). A confecção do diário não apresenta a estrutura composicional canônica que apresenta a data no alto da página, o vocativo, a narração e a despedida. No caso desta produção, a autora apresenta uma configuração que valoriza a narrativa em detrimento da forma, de modo que o gênero se manifesta à medida que a narração acontece.

Figura 2: Características da estrutura formal e ilustrativa do diário escrito por K.



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A figura 2 ilustra o modo como estão dispostas as narrativas entre as páginas do diário de K. Os círculos evidenciam que, em uma mesma página, estão organizadas as narrações correspondentes a três dias distintos: quinta, sexta e sábado. Observa-se que a indicação desses dias ocorre de maneira muito sutil e que a alteração dos dias ocorre com o desenrolar da leitura. Além disso, é importante destacar que não há qualquer evidência do mês ou do ano em cada relato. É preciso que o leitor esteja atento às narrações, pois a autora não se prende a essas questões, como geralmente se observa na escrita de diários. Para Lejeune (2014), a datação é condição para a confecção do diário, mas pode ser apontada de maneira mais ou menos precisa. Nesse caso, a diarista recorreu a um estilo peculiar quanto à indicação da data.

Ao refletirmos sobre esse aspecto, K apresenta seu argumento com relação às escolhas organizacionais que fez: “eu sempre tratei o diário como um amiguinho que não fala e não te responde, aí eu já começava a falar com ele como fala com um amigo mesmo [...] eu já ia falando aconteceu isso, aconteceu aquilo, não gostei, gostei” (K, 2015). O posicionamento adotado pela autora reforça o caráter livre do diário, uma prática em que “cada um inventa seu próprio caminho nesse gênero do qual existem talvez modelos, mas nenhuma regra” (LEJEUNE, 2014, p.299).

Outro ponto é evidente na figura 2: o destaque em cores e a inserção de desenhos sobre o texto escrito, como as flores, o coração e a palavra “Jesus”. Em entrevista, a autora atribuiu o ato de desenhar sobre a escrita a uma tentativa de deixá-la mais divertida e apontou que a seleção do desenho estava relacionada ao seu estado emocional: “se eu estava feliz, colocava desenho feliz, se estava triste, colocava desenho triste” (K, 2015). Esses recursos “refletem a liberdade de que o diarista se apropria nesse espaço que só pertence a ele²” (BOGAERT e LEJEUNE, 2006, p.109, tradução nossa).

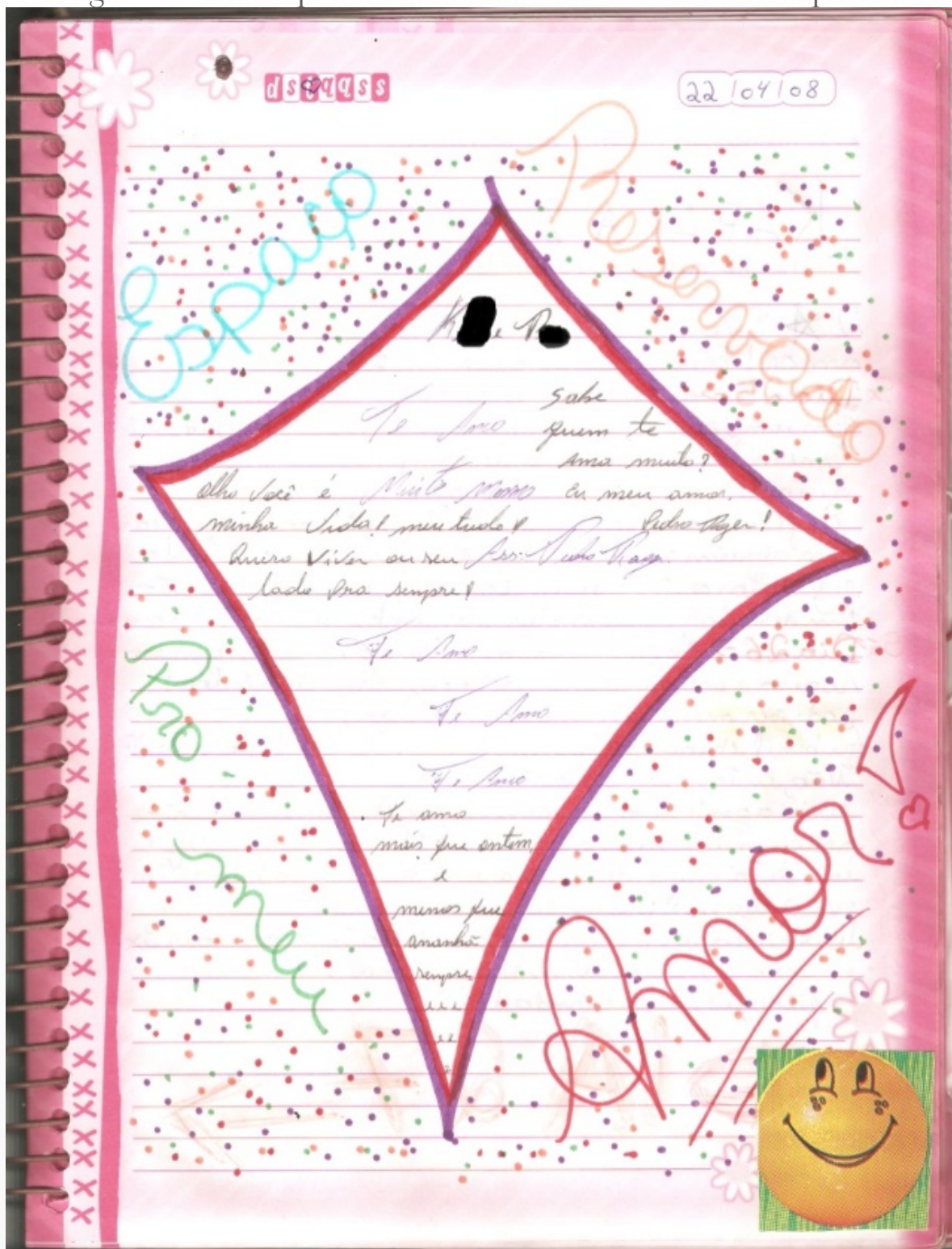
De acordo com Lejeune e Bogaert (2006), inovações como essas são oriundas do século XIX, momento em que já se observava a inserção de desenhos, colagens e diversas cores em determinados diários. Com o tempo, outros elementos ilustrativos, como a fotografia, cartas, tickets e a poesia, também ocuparam as páginas dos diários e assumiram a função “de enfeitar o texto ou de trazer uma informação mais completa³” (BOGAERT e LEJEUNE, 2006, p.113, tradução nossa).

² Reflètent la liberté que le diariste s'accorde dans cet espace qui n'appartient qu'à lui (BOGAERT e LEJEUNE, 2006, p.109).

³ D'agrémenter le texte ou d'apporter une information plus complète (BOGAERT e LEJEUNE, 2006, p.113).

Outro elemento que marca a escrita de K é a permissão para que pessoas do seu convívio escrevam depoimentos no diário. Esse tipo de ocorrência é raro, pois a maioria dos diaristas é sigilosa quanto à prática e não permite qualquer contato exterior.

Figuras 3 e 4: Depoimentos inseridos no diário escrito por K.





Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A figura 4 comporta a escrita do namorado que retrata o sentimento que ele mantém por K. Ao analisarmos a página, nota-se que a autora

preencheu o espaço deixado pelo namorado com elementos decorativos e com a seguinte frase: “Espaço reservado pro meu amor”. Na figura 5, tem-se o depoimento de uma das amigas de K. Nesse caso, a autora também preenche o espaço ao redor do depoimento, desta vez de forma diferente: ela reproduz o relato cotidiano utilizando o espaço que sobrou. Um fator interessante é que a página comporta o final da narração do dia 21, toda a narração do dia 22 e o início do dia 23, mas em nenhuma delas a autora conta como a amiga escreveu naquele espaço. Na verdade, as narrações seguem o foco do “diário de uma paixão” e citam os acontecimentos relacionados ao namoro. Apenas em um rápido momento a autora faz referência ao depoimento da amiga com a seguinte frase: “Fany! Foi embora!”, como podemos observar através do círculo do lado direito.

Sobre essa característica de seu diário, K comenta que optou por realizar esses relatos nos espaços vazios seguindo um princípio de economia de páginas, conforme ela mesma comenta, na entrevista: “eu ficava com pena de jogar aquele espaço fora então eu tinha que fazer alguma coisa: ou escrevia o diário mesmo, o que tinha acontecido, ou fazia desenhos, mas tinha que aproveitar o espaço! Odeio espaço em branco” (K, 2015).

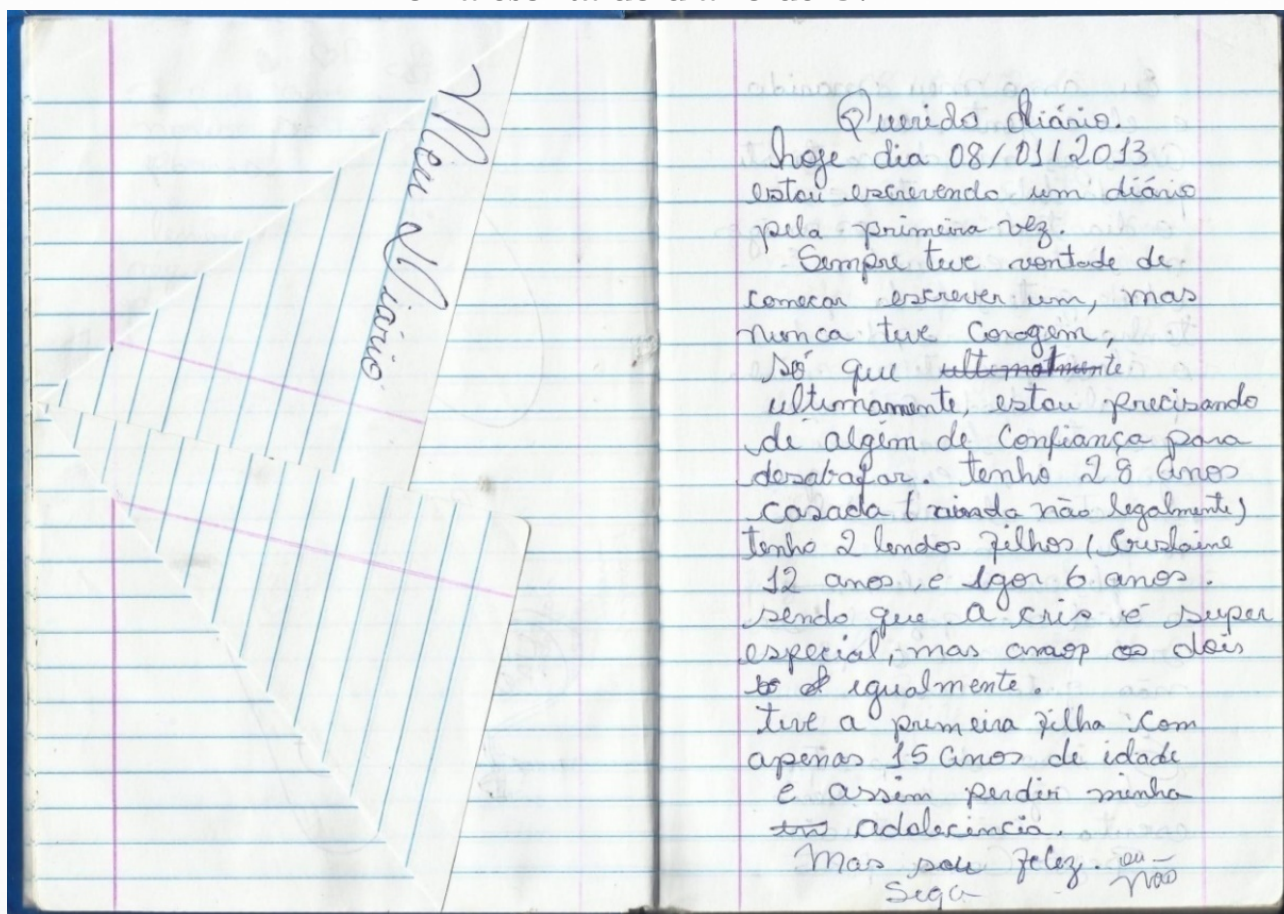
O fato de outras pessoas poderem escrever no diário de K leva-nos a outra característica importante: a autora renuncia ao princípio do sigilo, tão comum ao gênero. Conclui-se que sua prática não era secreta, pelo menos não para os amigos mais próximos e para o namorado. Diante disso, questionamos a maneira como os depoimentos eram inseridos. Sobre essa questão, a autora enfatizou: “a única pessoa que ficou com o diário foi o [nome do namorado], agora as meninas, era lá na minha casa. Elas pegavam as canetinhas e iam escrevendo” (K, 2015). Além disso, a autora aponta que permitia a escrita dessas pessoas para que pudesse ter uma lembrança delas e ter algo no seu diário escrito por elas. Portanto, a autora vê essa quebra de sigilo de forma positiva, uma vez que possui, no diário, o registro das pessoas que foram importantes na sua história.

A escrita de K é riquíssima em detalhes, por isso pode ser tomada a partir de vários aspectos. Por uma questão de delimitação, observamos detalhes relacionados ao notório romantismo da autora. Os exemplos recortados também mostraram uma estrutura composicional atípica para o gênero, como a opção diferenciada para a marcação das entradas e, principalmente, a quebra de sigilo da prática associada à permissão para que outros escrevam em seu diário, mesmo durante a confecção dele.

2.2 DIÁRIO DE C

O diário de C foi escrito em um pequeno caderno, composto por 96 folhas. Antes disso, o material foi utilizado com outros propósitos que compreendiam as anotações de informações escolares do filho e algumas anotações de receitas culinárias. Ao comentarmos o reaproveitamento do caderno com a autora, C apontou que, devido à sua idade – 28 anos na época –, “não combina ir até a loja para comprar um diário” (C, 2015). Nesta afirmação, destaca-se a mobilização de alguns discursos do senso comum i) uma relação entre diário e as crianças e os adolescentes e ii) a escrita de diários conduzida a partir de um modelo físico adquirido em loja. A partir dessa primeira análise, pode-se inferir que a escrita de C está fundamentada em uma concepção mais tradicional sobre o gênero, como podemos verificar na figura seguinte.

Figura 5: Divisão do caderno para o início da escrita diarística; primeira folha escrita do diário de C.



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

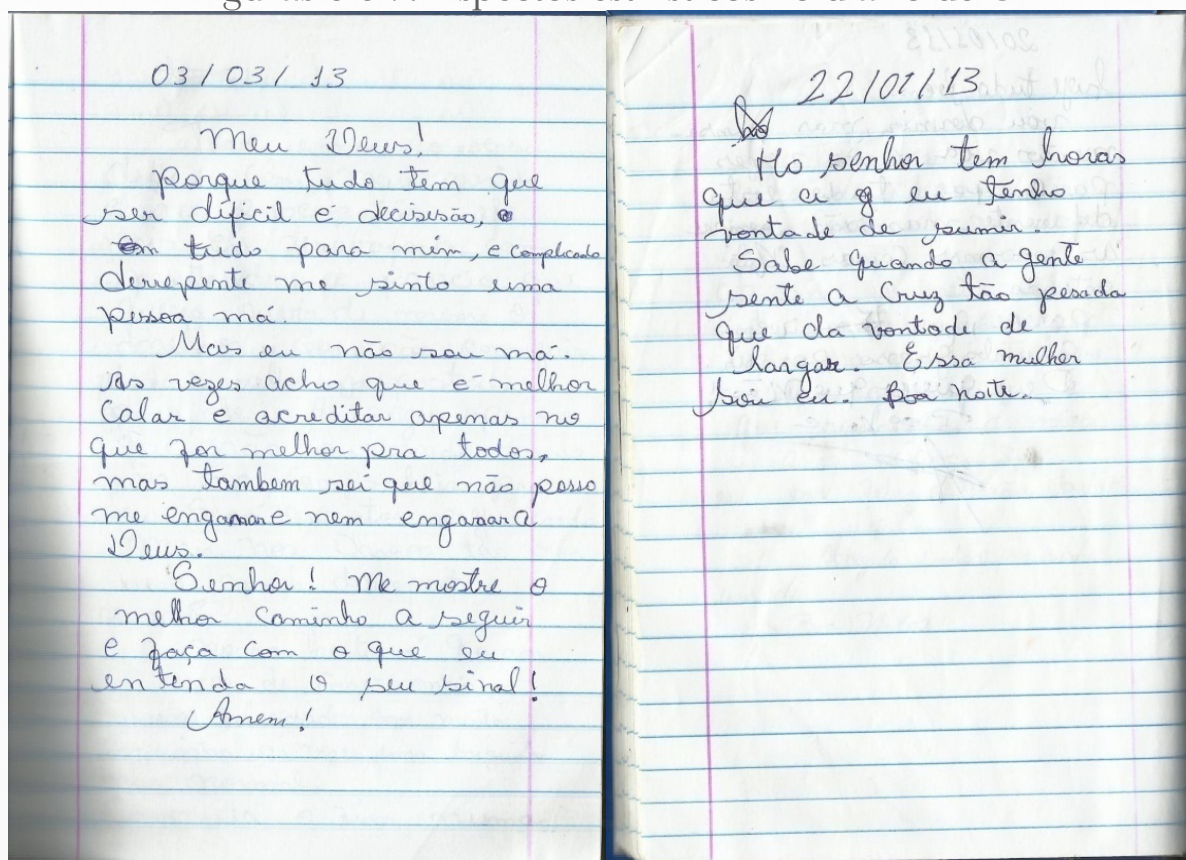
A figura 5 apresenta a divisão entre as funcionalidades anteriores do caderno e a produção do diário. Nela, verificamos a presença de um título:

Meu Diário. Essa nomeação, diferente do diário de K, é um pouco mais recorrente, ou, como apontam Bogaert e Lejeune (2006), exemplifica os batismos mais simples que os diaristas dão aos seus escritos.

A ilustração ainda apresenta a primeira entrada de C. Nesta página, a autora discorre sobre a decisão de escrever o diário e faz uma pequena apresentação de si mesma. Segundo ela, esse momento de apresentação é importante, pois “para começar, teria que ter, né? Acho que teria que ter independente de qualquer folha. Vai começar um diário, tem que apresentar, eu acho. Como se fosse um livro, sei lá” (C, 2015). As suposições e o ato de C são apontados por Lejeune (2014) como parte de um ritual tradicional, em que “o começo de um diário é quase sempre destacado: é raro que se comece sem dizê-lo; demarca-se, de uma maneira ou de outra, esse novo território de escrita” (LEJEUNE, 2014, p.310).

Quanto aos aspectos estilísticos, notamos que o diário de C apresenta características mais prototípicas: a escrita é realizada em folhas de fundo branco, apenas com caneta azul, e não traz ilustrações. Além disso, apresenta uma estrutura composicional regular marcada pela definição da data no alto da página, pela presença dos vocativos e da despedida, conforme evidenciam as figuras 6 e 7:

Figuras 6 e 7: Aspectos estilísticos no diário de C



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O vocativo está presente na maioria das entradas de C, mas não assume uma estruturação linguística fixa. Nos dois exemplos, os interlocutores são “Meu Deus” e “Senhor”. Durante a entrevista, C comentou a seleção desses vocativos: “Eu acho que quando eu coloco ‘Deus’ talvez seja o momento em que eu estava mais aflita” (C, 2015). Os estudos de Bogaert e Lejeune (2006) destacam que o endereçamento do diário pode ser real ou virtual, único ou múltiplo, mas não é essencial. No entanto, quando se recorre a ele, o diarista dedica seu tempo para explicar-lhe os fatos e, em certos casos, para pedir-lhe ajuda, de acordo com suas vivências. Este é o caso do diário de C em que as entradas são caracterizadas pelos pedidos de ajuda, que se assimilam às preces.

Na figura 6, C reflete sobre a condição de ser ou não ser uma má pessoa. A partir do vocativo “Meu Deus”, constrói todo o texto a partir de um viés divino. No encerramento, escreve a seguinte prece: “Senhor, me mostre o melhor caminho a seguir e faça com que eu entenda o seu sinal! Amém!”. Na figura 7, em um texto menor, C recorre também ao interlocutor divino “Senhor”. Apesar de não conter uma prece, o posicionamento intertextual da palavra “cruz” na frase seguinte, “Sabe quando a gente sente a cruz tão pesada que dá vontade de largar. Essa mulher sou eu”, retoma o discurso cristão.

Em uma análise inicial, as recorrências espirituais poderiam caracterizar a prática de C como um diário espiritual, contudo, esse não é o caso. A recorrência dos diários religiosos é atribuída aos seminaristas, às noviças e a outros “profissionais” católicos e o objetivo da escrita contempla uma “direção de consciência”. Ou seja, os diários eram produzidos a partir de um abandono de si em prol do encontro com Deus e com a pureza, com vistas à promoção da salvação da alma (LEJEUNE, 2004). Este não é o caso da produção analisada, pois o vocativo e o direcionamento da escrita apenas apontam características de um sujeito religioso.

Como vimos, as entradas de C são marcadas por estruturas linguísticas e formais mais padronizadas e cada um dos aspectos (data, vocativo, entrada e despedida) pode ser analisado individualmente. Nos limites deste artigo, podemos ressaltar que o estilo está relacionado à função e à destinação do diário. De acordo com Lejeune (2014), “as obsessões temáticas dos diários são reforçadas pela regularidade das formas. Por definição, a escrita do diário é livre, totalmente livre. Mas, na realidade, cada diarista se acomoda rapidamente dentro de algumas formas de linguagem que servem de ‘fôrmas’ para todas as entradas e nunca mais as abandona” (LEJEUNE, 2014, p. 343).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bogaert e Lejeune (2006), os indivíduos que compartilham das suposições de que os diários possuem a mesma disposição estrutural evidenciam o reflexo de uma compreensão equivocada, fruto de pouco contato com a prática. Para os autores, os diários devem ser observados a partir da função, da durabilidade, do estilo, do ritmo, e, sobretudo, como uma produção única, singular. Essa foi a tarefa deste artigo. Nossas análises buscaram apontar a individualidade de cada diário e correlacioná-las com as concepções subjetivas de suas autoras.

Apontamos que cada uma das produções assumiu uma função diferenciada, de acordo com os objetivos de cada escrevente. O diário de K é marcado por uma característica romântica perceptível através de entradas que contemplam, prioritariamente, os fatos vivenciados pela autora durante um namoro. A produção de C é marcada pela reflexão e pelo autoconhecimento através de entradas que recontam os acontecimentos relacionados ao divórcio.

O estilo de escrita das autoras também apresenta peculiaridades. Na produção de K, os elementos linguísticos e estruturais são menos premeditados. Na escrita de C, a linguagem aponta uma concepção mais prototípica do gênero. No entanto, nos dois casos, os estilos individuais são reflexo do modo como cada autora compreende o diário.

Ao promovermos uma análise da prática de diários a partir do olhar de suas autoras, propusemos uma abordagem dupla sobre os excertos analisados, de modo a contemplar relação ente o subjetivo e o objetivo e de maneira que importam as alusões das autoras sobre seus escritos em relação aos estudos teóricos desenvolvidos sobre a temática. Acreditamos que, com esta abordagem, promovemos ao sujeito escritor de diários um espaço na academia por meio de um olhar crítico sobre sua produção e sobre suas próprias escolhas temáticas e estilísticas. Com isso, valorizamos os diários escritos por pessoas comuns e seus atores a partir de um posicionamento reflexivo e crítico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2º cd. — São Paulo Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BOGAERT, C; LEJEUNE, P. **Le journal intime**: Histoire et anthologie. Paris: Textuel, 2006.

LEJEUNE, P. **Les journaux spirituels en France Du XVIe au XVIIe siècle**. Article publié dans Les Problématiques de l'autobiographie, n° 33 de Littérales (Université Paris X – Nanterre), 2004, p. 63-85.

_____. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Jovita Maria Gerheim Noronha(org.); tradução Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. – 2 ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

_____. **Écrire sa vie**: du pacte au patrimoine autobiographique. Paris: Mauconduit, 2015.

MACIEL, S. D. A literatura e os gêneros confessionais. In: **Em diálogo**: estudos literários e linguísticos. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 2006 [1929].